

A "Imprensa Evangélica" e a formação da identidade religiosa presbiteriana no Brasil do Século XIX

Marco Aurélio Monteiro Pereira*

Resumo: O trabalho apresenta uma reflexão sobre a formação da identidade religiosa evangélica presbiteriana, no Brasil na segunda metade do século XIX, pela análise do primeiro veículo impresso protestante no Brasil, o jornal "Imprensa Evangélica", fundado em 1864. O "Imprensa Evangélica" constrói, em seus artigos, a proposta missionária e evangelística presbiteriana, uma nova proposta de concepções e práticas religiosas num Brasil que, mesmo inserido na tradição católica, está, no Segundo Império, em processo de abertura para a modernidade capitalista. Esta nova territorialidade religiosa se articula no contraponto às territorialidades religiosas católica e afro-brasileira e na propositividade de um novo conjunto de formas, conceitos e práticas religiosas que configuram parte do que hoje é o campo protestante histórico, reformado, expresso na Igreja Presbiteriana do Brasil.

Palavras-Chave: Presbiterianismo, Imprensa Evangélica, Brasil Império.

Abstract: The work presents a reflection about the formation of presbyterian evangelical religious identity in Brazil in the second half of the XIX century by the analysis of the first Brazilian protestant printed vehicle in Brazil, the newspaper "Imprensa Evangélica", founded in 1864. The "Imprensa Evangélica" builds, in its articles, the missionary proposal and presbyterian evangelistic, a new proposal of conceptions and religious practice in a country that, even being in a catholic tradition, is, in the Brazilian Second Empire, in a process of opening for the modern capitalism. This new religious field is inserted in the afro-brazilian and catholic religious territoriality and in a proposal of a new group of forms, concepts and religious practice that takes part of what is today the reformed, historical protestant field, expressed in Presbyterian Church of Brazil.

Key-words: Presbyterianism, Evangelical Printing, Brazilian Empire.

1. Considerações Iniciais

Os cientistas sociais vêem a religião de diferentes formas. Em primeiro lugar, como uma forma de conhecimento associada à dimensão ideológica, como produtora de ignorância, ao alienar o ser humano da compreensão das formas de opressão de classe por ele vivenciadas por meio da promessa de salvação e de recompensa em outra vida.

Em segundo, pesquisadores comprometidos tendem a ver a religião como a plena afirmação dos valores e estruturas organizacionais intrínsecos a elas. Possuem, normalmente, uma produção institucional e apologética.

Uma outra vertente, sob influência dos *Annales*, vê a religião nos campos das mentalidades e representações coletivas. Esta vertente centra sua análise e produção no campo da religiosidade popular, minimizando o papel institucional da religião (SILVA, 2005).

* Professor Assistente Mestre da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Mas a construção das territorialidades religiosas de um grupo vai além destas análises. Ela significa articular as realidades desiguais vividas pelo grupo em suas diferentes dimensões, com o processo de mudanças da sociedade onde o grupo está inserido. Significa definir o complexo grupo de tensões onde o grupo experimenta suas crenças e vivências. As territorialidades religiosas se inserem, assim, numa dimensão complexa, onde se articulam cultura, sociedade, história e espaço (GIL FILHO, 2006).

As territorialidades religiosas se configuram como parte fundamental de uma Geografia do Sagrado, pensada como “mais afeta à rede de relações em torno da experiência do sagrado do que propriamente às molduras perenes de um espaço sagrado coisificado” (GIL FILHO, 2001:67-78).

Esta *rede de relações em torno da experiência do sagrado* é que dá a tônica deste trabalho, que busca a compreensão de novas territorialidades religiosas no campo do cristianismo brasileiro, tendo como objeto a construção das territorialidades presbiterianas no Brasil, a partir da análise de um dos seus principais veículos articuladores e difusores, o jornal *Imprensa Evangélica*.

2. Religião e Religiosidade no Brasil Oitocentista

No começo do século XIX, a Igreja Católica Romana era marcada por uma crônica carência de clérigos e por um acentuado declínio em seus padrões morais, espírito apostólico e vocação missionária (LÉONARD, 2002:32-36).

Por parte dos fiéis, a prática religiosa era definida por uma piedade ostensiva e supersticiosa. Havia um grande fascínio pelo cerimonial, pelo festivo, pelo aparatoso nas celebrações institucionais da Igreja, usado catequeticamente pelo clero, a par de uma devoção pessoal e familiar bastante disseminada (LÉONARD, 2002:37-38).

Por outro lado, a influência inglesa no Brasil despertava nas elites intelectuais um forte atrativo por uma religião “à inglesa”. Esta abertura também era sensível também no clero “progressista”.

O catolicismo brasileiro, exceção feita à invasão holandesa no Nordeste no século XVII, não se envolvera nos embates da Contra-Reforma. Era marcado por sua tolerância institucional, “inofensivo, longânimo, paciente e lento nas suas reações” (LÉONARD, 2002:41).

O clero progressista possuía uma forte influência jansenista em sua formação, o que o encaminhava na “fomentação de uma piedade austera, culto das Sagradas Escrituras e independência com relação a Roma” (LÉONARD, 2002:43).

Numa Igreja Católica que na Europa era cada vez mais ultramontana, a influência do jansenismo no clero brasileiro permitiu uma maior resistência ao processo de romanização do catolicismo no Brasil.

Assim, num país com uma igreja de poucos padres, uma devoção mística, supersticiosa e sincrética; espetacular e privada ao mesmo tempo; tolerante e com influências jansenistas e separatistas em relação a Roma é que surgem as primeiras manifestações das religiões protestantes.

3. Os Primórdios do Protestantismo no Brasil

Os inícios da presença protestante formal no Brasil se dão no século XIX. Na Capital do Império, este início se deu com a abertura de capelas pertencentes a colônias estrangeiras, ingleses e alemães no Rio de Janeiro, nas primeiras décadas do século. Porém sua prática era decididamente introvertida, sem pretensões missionárias (LÉONARD, 2002:47-51).

A primeira ação missionária efetiva se deu pela Igreja Metodista, que, em 1835 enviou o Rev. Fountain Pitts ao Brasil para aferir as possibilidades de implantação de um trabalho missionário.

A consequência disso foi a vinda para o Brasil do Rev. Justin Spaulding, que abriu uma escola para crianças e manteve um ministério pastoral para os integrantes das colônias e marinheiros ingleses e norte-americanos no Rio de Janeiro.

Em 1837, o Rev. Spaulding recebe o reforço de vários professores e do Rev. Daniel Kidder.

Kidder, que percorreu o Brasil durante a minoridade de D. Pedro II, distribuindo Bíblias e reunindo documentário para seus Sketches of residence and travel in Brazil. Outras descrições de viagens poderão interessar mais do ponto de vista da descrição geográfica, econômica e social do país. Esta, entretanto, sobreleva todas no que diz respeito à situação espiritual e eclesiástica, quer pelo fato de ser esse assunto afim com sua atividade e as preocupações de seu autor, quer devido à sua inteligência e liberalismo, que nem sempre encontramos em propagandistas que seguiram seus passos. (LÉONARD, 2002:32-33)

Kidder “dedicou-se, principalmente, ao trabalho de difusão das Sagradas Escrituras em tradução de Figueiredo, autorizada pela hierarquia católica...” (LÉONARD, 2002:48). Nesse

trabalho teve contanto com personagens do governo regencial, como o regente Feijó e o senador e ministro Vergueiro. A reação católica inicialmente foi pequena e, de certa forma favorável aos protestantes distribuidores de Bíblias.

Para LÉONARD (2002:53), duas grandes motivações facilitaram a implantação missionária do protestantismo no Brasil: “as disposições do Imperador e a necessidade que o Brasil tinha de imigrantes”.

Dom Pedro II possuía uma formação intelectual influenciada pelo iluminismo e pelo cientificismo, e uma religiosidade católica não influenciada pelo ultramontanismo, vista mais como um dever de Estado.

Já a imigração era vista como uma das alternativas preferidas para povoar e civilizar o vasto território brasileiro. Os colonos mais “evoluídos”, protestantes, deveriam ter condições de praticar suas religiões, nelas educar seus filhos e celebrar seus cultos.

Essa disposição do governo imperial foi o dado fundamental e necessário para o início do protestantismo no Brasil.

De 1851 a 1854, o representante da Sociedade Bíblica Americana no Rio de Janeiro foi o Rev. James Fletcher, pastor presbiteriano. Ele viajou mais de cinco mil quilômetros pelo interior do Brasil distribuindo Bíblias entre 1855 e 1856. Em diversas passagens e com funções distintas, Fletcher manteve sua ligação com o Brasil até 1869. Sua ação política, de representação e missionária foram fundamentais para a difusão e conquista de respeitabilidade dos valores evangélicos no Brasil. Fletcher chegou a ser admitido como membro do Instituto Histórico Brasileiro.

Em 10 de maio de 1855 chegou ao Rio um missionário escocês, Robert Kalley, com o objetivo de edificar a primeira igreja protestante brasileira.

Robert Kalley era um médico escocês, calvinista congregacionalista, que iniciou sua carreira missionária na Ilha da Madeira, em 1858. Seu trabalho gerou uma forte perseguição do clero português, obrigando-o a deixar a ilha em 1847. Kalley resolveu vir ao Brasil, e começou, com seus auxiliares portugueses, o trabalho de missionário.

Articulou o objetivo de manter contato com a elite imperial, o que lhe garantiu uma inserção social qualificada e boa-vontade com sua obra missionária. Instalou-se em Petrópolis, onde recebia visitas do Imperador D. Pedro II.

Seu primeiro convertido, Pedro Nolasco de Andrade, foi batizado em 11/06/1858. Mas o impacto maior da Igreja Evangélica na capital do Império foi o batizado, em 7/01/1859, de

membros da corte imperial, D. Gabriela Augusta Carneiro Leão, e o Barão de Santa Maria e sua filha D. Henriqueta.

A partir daí começam incidentes nos lugares de culto no Rio de Janeiro. Kalley recorre ao consulado britânico e, em 19/10/1861, o chefe de polícia da Capital emitiu uma nota circular lembrando a necessidade de respeito aos lugares de culto não-católicos.

Em 17/04/1863, o decreto nº. 3069 regularizou os casamentos de membros das “religiões toleradas”, e estabeleceu que seus nascimentos e sepultamentos fossem registrados nos cartórios civis e que os cemitérios teriam um lugar próprio para suas sepulturas.

Kalley foi eleito pastor da Igreja Evangélica Fluminense, em 12/10/1863. E, fato notável, a certidão desse ato foi registrada na Secretaria do Império em 23 de outubro do mesmo ano (LÉONARD, 2002:56-61).

4. Simonton e o Início do Presbiterianismo no Brasil

No final da década de 1850, a Igreja Presbiteriana dos EUA enviou ao Brasil seu primeiro missionário, com objetivo de implantação de igrejas em território brasileiro.

O escolhido foi o Rev. Ashbel Green Simonton, um jovem pastor de 26 anos. Simonton nasceu em Dauphin, Pensilvânia, em 20/01/1833. Seu pai, Dr. William Simonton, era médico e sua mãe, Martha Snodgrass, era filha do pastor presbiteriano Rev. James Snodgrass.

Depois de concluir seus estudos secundários, Simonton dirigiu, de 1853 a 1854, uma escola em Starkville, Mississipi. Em 1854 decidiu estudar Direito.

Seu despertamento missionário se deu em um avivamento religioso ocorrido em Harrisburg, Pensilvânia. Fez sua profissão de fé em 3/05/1855, assumiu sua candidatura ao ministério e, já no segundo semestre de 1855, foi estudar no Seminário de Princeton.

Em 1858, apresentou-se como candidato a missionário na Junta de Missões Estrangeiras da Igreja Presbiteriana, quando designou o Brasil como seu campo de preferência.

Ordenado pastor pelo Presbitério de Carlisle em 14/04/1859, embarcou para o Brasil em 18 de junho do mesmo ano, chegando ao Rio de Janeiro em 12/08/1859.

Sua ação missionária inicial foi junto aos marinheiros engajados nos navios atracados no Rio de Janeiro e em residências de norte-americanos e ingleses na capital do Império. Em 22/04/1860, Simonton dirigiu seu primeiro culto em português e, em 25 de julho, recebeu a ajuda do Rev. Alexander Blackford, casado com sua irmã.

No final de 1860, fez uma viagem pela Província de São Paulo. Voltou ao Rio de Janeiro em maio de 1861, e, numa casa na Rua do Ouvidor, começou a dar aulas e iniciou, em 19/05/1861, uma classe de estudos bíblicos aos domingos à tarde. Logo começou com um culto às quintas-feiras. Após a chegada do missionário Francis Schneider, em 1861, Simonton, em 12/01/1862, organizou a Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro.

Em março de 1862, Simonton viajou aos EUA em seu único *furlough*¹, fazendo a divulgação da obra missionária no Brasil. De volta, em 1863, casado com Helen Murdoch, retomou a missão no Rio de Janeiro e enviou Blackford a São Paulo para iniciar o trabalho presbiteriano.

Em junho de 1864, a esposa de Simonton faleceu após o nascimento de sua filha, Helen. Neste período, Simonton já contava com a colaboração do missionário George Chamberlain.

Dois momentos marcaram a missão presbiteriana no ano de 1864: a conversão e profissão de fé do ex-sacerdote católico e futuro pastor José Manoel da Conceição em 23/10/1864 e, em 5 de novembro, o lançamento do jornal presbiteriano *Imprensa Evangélica*.

Em 1867, Simonton alugou um imóvel no Campo de Santana,. Ali funcionavam a igreja, uma escola e o novo Seminário Teológico, cujas atividades foram iniciadas em 14/05/1867. O Seminário formou os primeiros pastores presbiterianos brasileiros.

No final de 1867, Simonton foi a São Paulo, mas seu estado de saúde agravou-se e ele faleceu ali em 09/12/1867, sendo sepultado no recém-inaugurado Cemitério dos Protestantes, na Consolação.

A obra de Simonton foi fundamental para a implantação do presbiterianismo no Brasil. Suas ações foram marcadas por propositividade. Manteve uma postura prudente em relação ao catolicismo, sem ênfase apologética, “mas intenção proselitista, conversionista e exortativa para os fiéis de sua Igreja no sentido de consolidar neles os princípios distintivos da nova fé que haviam abraçado” (MENDONÇA, 1995:83).

Esta concepção, de uma ação missionária propositiva também esteve presente na linha editorial do *Imprensa Evangélica*, o que foi fundamental para a construção das territorialidades religiosas presbiterianas no campo cristão brasileiro.

5. A Imprensa Evangélica

¹ *Furlough* era um tipo de viagem, misto de férias e divulgação da obra missionária, recorrente no trabalho missionário protestante no século XIX.

O projeto do jornal *Imprensa Evangélica* foi um dos mais caros a Simonton durante sua ação missionária. Gestado em um período de crise pessoal, abalado pela viuvez, Simonton preparou um órgão de imprensa que seria o canal de interlocução dos presbiterianos com os membros da Igreja e com a sociedade. O lançamento do jornal, em 05/11/1864, foi um marco na história da missão presbiteriana e o momento do estabelecimento de um canal de comunicação ampla com a sociedade. (SANTOS, 2006).

Embora fosse um jornal comprometido com a causa missionária e evangelística, a *Imprensa* abordava um campo muito mais amplo de temas além dos religiosos. Era um periódico que não se furtava a comentar e tomar partido nas questões que mobilizavam as atenções no Segundo Império.

Outra característica do jornal era o seu caráter apologético, principalmente na polêmica que travou com o jornal católico de influência ultramontana *O Apóstolo* (OLIVEIRA, 2001:150; ABREU, 1999), num nível elevado para o usual da época.

O Imprensa Evangélica foi publicado até 1892, quando, no seio do embate entre os pastores brasileiros e missionários americanos e a ida de Chamberlain para Pernambuco, deixou de ser editado.

6. Considerações finais

A sintética digressão aqui posta sobre a implantação do presbiterianismo no Brasil em seus primórdios serve de pano de fundo para a reflexão sobre o processo de construção das territorialidades religiosas presbiterianas no Brasil.

Num país onde o catolicismo oscilava entre o ultramontanismo e o jansenismo, a chegada dos missionários protestantes trouxe, mais do que uma proposta evangelística, a visão do protestantismo norte-americano em sua era missionária.

Os missionários pioneiros, imbuídos da doutrina do *Destino Manifesto*, originalmente usada para justificar a ocupação do Oeste dos EUA e a anexação de territórios mexicanos, mas também posta como pano de fundo para ação missionária fora dos EUA, viam em sua ação uma articulação de salvação espiritual e desenvolvimento social, um processo civilizatório, se bem que espiritualizado.

Este processo se constrói na articulação de territorialidades religiosas cristãs diferenciadas em relação ao catolicismo romano, visto como sinal de atraso e autoritarismo.

Enquanto alguns missionários e, principalmente, os líderes nacionais falam em verdade e não-verdade, reproduzindo assim as polêmicas da Reforma, uma grande facção de missionários se preocupa com os ideias democráticos e republicanos

conduzidos pelo protestantismo, assim como seu liberalismo e progressismo. De um lado, vê-se a preocupação conversionista de católicos ao protestantismo, de outro o transplante cultural, a exportação do American way of life, tudo em obediência ao “Destino Manifesto”. (MENDONÇA, 1995:77)

É neste contexto que surge o *Imprensa Evangélica*, como instrumento de pregação missionária, de embates apologéticos e propagação dos valores e concepções do protestantismo norte-americano em terras brasileiras. Surge como veículo de construção de novas territorialidades religiosas, alternativas ao Catolicismo Romano, mas que não se esgotam no campo teológico-doutrinário, se expandem para os campos da política, sociedade e cultura.

Referências Bibliográficas

ABREU, Martha. **O Império do Divino. Festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, Júlio Andrade. **História da Igreja Presbiteriana do Brasil**, Em comemoração ao seu primeiro centenário. Vol. I. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1959.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. Por uma Geografia do sagrado. **RA’E GA – O espaço geográfico em análise**. Curitiba, n. 5, p. 67-78, 2001.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. Estruturas da territorialidade católica no Brasil. **Scripta Nova. Revista electrónica de geografia y ciencias sociales**. Barcelona: Universidad de Barcelona, vol. X, n. 205, 15 de enero de 2006, <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-205.htm> . Acesso em 02 abr. 2007.

LÉONARD, Émile G. **O protestantismo brasileiro**. 3 ed. São Paulo: ASTE, 2002.

MATOS Alderi Souza de. Simonton e as bases do presbiterianismo no Brasil. *In*: MENDES, M; LEMBO, C. *et al.* **Simonton, 140 anos de Brasil**. São Paulo: Ed. Mackenzie, 2000.

MATOS, Alderi Souza de (org.). **O Diário de Simonton (1852-1866)**. 2 ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

MATOS, Alderi Souza de. **Simonton e as Bases do Presbiterianismo no Brasil**. Disponível em

http://www.thirdmill.org/files/portuguese/17744~11_1_01_10-43-20_AM~Simonton_e_as_Bases_do_Presbiterianismo_no_Brasil.html

Acesso em: 02 abr. 2007.

MENDES, M; LEMBO, C. *et al.* **Simonton, 140 anos de Brasil**. São Paulo: Ed. Mackenzie, 2000.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. **O Celeste Porvir: a inserção do protestantismo no Brasil**. São Paulo: Pendão Real; São Paulo: ASTE; São Bernardo do Campo: Instituto ecumênico de Pós Graduação em Teologia e Ciências da Religião, 1995.

OLIVEIRA, Anderson José Machado de. Os bispos e os leigos: Reforma Católica e Irmandades no Rio de Janeiro Imperial. Ponta Grossa: **Revista de História Regional**, vol. 6, n. 1, p. 147-160, Verão 2001.

SANTOS, Edwiges Rosa dos. **O Imprensa Evangélica: diferentes fases do jornal no contexto brasileiro predominantemente católico dos anos 1864-1892**. São Paulo, 2006. 190 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

SILVA, Edson Armando. **Uma discussão sobre a territorialidade franciscana no sul do Brasil**. Ponta Grossa: [s.n.], 2005. (mimeo.).